

O Amor e o ensino de Demografia: duas vocações

Meu tributo a José Alberto Magno de Carvalho

Reinaldo Onofre dos Santos¹

Quando fui convidado para escrever esse texto, não consegui deixar de pensar o quão pequeno sou diante de várias pessoas que conhecem a produção acadêmica, produziram e debateram com o Professor José Alberto Magno de Carvalho. Mas essas palavras não são sobre esse grandioso pesquisador, que tanto contribuiu para a Demografia com seus conhecimentos avançados sobre técnicas de análise demográfica, ou como um dos fundadores da Demografia brasileira.

Os parágrafos que seguem são sobre um certo indivíduo chamado Zé. Lembro-me de vê-lo pela primeira vez, quando eu tinha 24 anos e ainda aluno de graduação, no Seminário sobre a Economia Mineira de 2004. Assustava-me o fato daquele senhor conseguir, com poucas palavras, explicitar as fragilidades de qualquer trabalho acadêmico que tentava sugerir conclusões que os números em nada comprovavam. Contudo, foi em 2008 que me tornei seu aluno, quando ingressei no mestrado em Demografia no Cedeplar-UFMG. Foi então que descobri que, por trás do gigantismo do pesquisador Carvalho, havia a simplicidade de um mineiro de São Vicente de Minas, conhecido como Zé, que ensina sobre modelos demográficos como quem passa um café ou espera um peixe prender-se ao anzol.

O Zé amava as pessoas. Em determinada situação, ele orientava um de seus alunos lembrando-o que, no trabalho em Demografia, havia de lembrar-se que não poderiam faltar pessoas. A capacidade de abstrair o comportamento das variáveis demográficas, sem qualquer instrumento computacional, apenas imaginando as funções das componentes, era uma de suas habilidades. Mas o que impressionava era, em suas aulas de técnicas de análise, a capacidade de discorrer sobre formulações complexas sem praticamente usar o quadro, sem usar qualquer ferramenta tecnológica, mas levando os alunos a viajarem pelos conceitos e intuições demográficas, como um pai ou um avô que conta uma história aos seus filhos ou netos. Estes, sem perceber, seguiam os relatos cheios de emoção e sabedoria do contador de histórias, aquele ato de amor com seus alunos.

O amor do Zé pelos seus alunos o fazia decorar as fisionomias e os nomes de quem ele mal havia conhecido, apenas para garantir que os aspirantes a demógrafos estivessem presentes nos seminários e eventos de Demografia. Me recordo, durante uma das minhas dificuldades durante o mestrado, que me foi sugerido conversar com ninguém menos que o diretor da Faculdade de Ciências Econômicas da época. Quando o procurei, o diretor Carvalho simplesmente me acolheu, me ofereceu um café e algumas horas conversando sobre relações humanas, as experiências que ele teve e me

¹ Ex-aluno do Zé. Doutor em Demografia.

presenteou com recomendações sobre os caminhos que eu deveria seguir. Com tantas preocupações, o diretor Zé ainda tinha tempo para seus alunos, com sua orientação acadêmica, profissional, acompanhada da sensibilidade de quem ama.

Compreendi, então, que o Zé não era um pesquisador em Demografia, mas sim um amante, na acepção mais pura do termo, desta ciência e passei a compreendê-lo. Em uma de suas repreensões a pesquisadores desavisados, em meio a apresentações de um encontro científico, o tão temido Professor Carvalho se virou para mim e disse: *“Você viu? Mas esses erros acontecem. Mas não podemos deixar de falar o que é certo, pois quando passarmos quem vai ensinar?”* O que poderia soar para muitos como arrogância do demógrafo Carvalho era, em verdade, uma grande preocupação do Zé sobre quem iria manter o rigor da Demografia quando ele não pudesse mais fazê-lo. Se isso não é uma forma de amar a ciência, assim como os futuros cientistas que ele jamais conhecerá, não sei o que é. E em sua simplicidade, *“franciscana”* como costumava dizer, disse certa vez que *“não é certo falar coisas complicadas sobre coisas complicadas. O certo é ensinar coisas complicadas de forma simples para que todos entendam”*.

O Zé amava os demógrafos. Sua dedicação àqueles que o procuravam para discutir qualquer assunto relativo à Demografia, seja a busca de uma forma de estimar a migração internacional com dados censitários, seja a identificação de novos padrões de fecundidade, me impressionava. Com todo o seu conhecimento e sabedoria, não possuía a soberba de muitos acadêmicos conhecidos e não tive notícias de que o Zé havia negado qualquer conversa com qualquer demógrafo, aluno ou colega, sobre seu conhecimento.

Lembro-me de ouvir, em uma palestra, uma famosa e importante demógrafa mencionar a produção de suas estimativas e dizer que, em determinado momento, ofereceu os números para o que o Zé os *“experimentasse”*. O que me veio à mente foi a visão de um *chef* de cozinha que opina sobre um prato que será servido em um importante jantar. Poucas pessoas possuem essa sensibilidade, quase de paladar, sobre a materialidade dos números. Não se tratava somente de saber se os cálculos estavam bem feitos, mas de entender se os modelos estavam respondendo às perguntas que lhes eram feitas, algo que apenas uma pessoa com demasiada *expertise* no emprego de modelos matemáticos à realidade demográfica poderia compreender.

Assim, entre os chamados *“atos de fé”* sobre os modelos matemáticos e *“causos”* sobre episódios lúdicos de pescarias ou alguma vaca que estava dando trabalho, o Zé tomava café nos corredores do Cedeplar, às vezes fumando um cigarro, e ensinando Demografia para qualquer aluno que estivesse interessado, mesmo após a sua aposentadoria. Como amigo, discordamos e concordamos sobre vários assuntos que gastávamos algumas horas discutindo no corredor ou no telefone, mas sempre com o devido respeito que eu, como aluno, tenho por meu mestre.

Em seus últimos dias e já enfermo, durante um momento de ligeira melhora, uma de suas lembranças foi a de cobrar um colega e ex-orientando sobre o término de um artigo a ser publicado. Eu não acreditaria se não tivesse presenciado tamanho amor do Zé pelo seu ex-orientando e a sua devoção à Demografia. O Zé foi um demógrafo, por amor e conhecimento, até seu último instante entre nós. Ele me ajudou a compreender, além do padrão etário da migração interna no Brasil, em vida e após a sua morte, o sentido amplo que podem ter as palavras de padre Antônio Vieira: *“Para ensinar, sempre é necessário amar e saber, porque quem não ama não quer, e quem não sabe não pode”*.²

Obrigado Zé! Sua vigília terminou, mas aqueles que você ensinou seguirão atentos ao amor e aos estudos demográficos.

² VIEIRA, Antônio. **Sermões**. São Paulo: Hedra, 2003, p. 415-440.